

Um candidato assumido que não canta vitória

ILARA VIOTTI
Da Editoria de Política

No dia 15 de janeiro de 1985, Roberto Pompeu de Souza Brasil estava, junto com centenas de convidados, no salão anexo ao auditório Petrólio Portella do Senado, à espera do resultado da votação do colégio eleitoral que indicou Tancredino Neves Presidente da República. Entre comes e bebes servidos na improvisada sala vip em que as famílias Neves e Sarney recebiam políticos e intelectuais, Pompeu de Souza era abordado a cada minuto, cotado que estava para ser o futuro governador do DF, como "meu caro governador Pompeu". Sorridente, ele desconversava, para abrir o jogo em seguida: "Eu quero mesmo é ser senador".

Ter uma cadeira no Senado da República e repe-

F. GUALBERTO



Eu tenho 70 anos, e desde os 15 luto pela liberdade, contra a injustiça e a dominação. Eu já vivi muito em extensão e intensidade. Só posso prometer continuar essa luta, me elegendo senador como meu bisavô".

A trajetória do bisavô, que foi senador do Império, é um sonho antigo e assumido deste cearense de 70 anos, advogado, jornalista e professor. Colocado em segundo lugar nas pesquisas eleitorais elaboradas pelo Ibope e pela LPM-Multi, Pompeu de Souza não quer cantar vitória antes do tempo, mas admite que está trabalhando para ser o senador mais votado da cidade de dezesseis dias. Não tem idéia de onde será mais votado, "não tenho currículos eleitorais", mas acredita que seus eleitores estão muito bem distribuídos em todas as camadas sócio-econômicas de Brasília.

Defensor de uma estabilidade institucional para o País, ele costuma dizer que a democracia brasileira não vinga porque é sempre abortada: "Fazem com ela o que se fazia na minha remota juventude para evitar a corrupção, ou seja, praticam-se os coitus interruptus, que leva a um orgasmo infecundo, do qual não germina nada". Acredita que esta nova Constituição será diferente, mas avisa: "O povo não pode deixar de cobrar seus direitos e sua cidadania dos parlamentares", sob o risco de acontecer tudo de novo, ou seja, da exceção torna-se regra e o brasileiro continuar sem democracia.

A se confirmarem as previsões contidas nas pesquisas eleitorais, você será o segundo candidato mais votado em 15 de novembro. Como sente isso?

— Olha, eu costumo dizer que esta expectativa do "já ganhou" é o caminho mais curto para a derrota. Há que trabalhar até o encerramento da apuração da última urna. Na verdade, é sintoma que, ao contrário dos candidatos que têm currículos eleitorais — setores da cidade de onde terão mais votos —, eu serei votado em todo o DF. O meu eleitorado é de tipo universal. Onde quer que eu passe sou saudado. Nas satélites, nos recantos mais carentes da cidade, eu sou reconhecido. Diante da demonstração de apoio espontâneo que tenho sentido em toda Brasília, eu posso dizer que serei muito bem votado. Em contrapartida, tenho um grande sentimento de responsabilidade diante desse apoio.

Como nasceu a candidatura Pompeu de Souza?

— Minha candidatura nasceu por geração espontânea. Alguns amigos me diziam: "Quando houver eleições em Brasília, você vai se candidatar, você é candidato nato ao Senado". Tudo ocorreu muito naturalmente. Eu sequer tenho um staff, como muitos candidatos têm. Enquanto muitos mantêm uma verdadeira empresa eleitoral, eu conto apenas com minha mulher, meus dois filhos, minha filha, que desenha, meu genro e um rapaz, o Fernando Jorge Pereira, que eu conheci quando era secretário de Educação, e gostei dele.

Agora, o que fez a minha candidatura crescer foi a ressonância que ela encontrou na sociedade. Começou a ganhar força nos comitês residenciais, estes que eu chamo de comitês residenciais e luta, numa alusão ao meu slogan: "A luta não vai parar". Tenho

hoje mais de 200 comitês na cidade, em casas de pessoas que não me cobram nada. Isso não tem preço, isso ninguém paga.

— A que você atribui esta ressonância, esta simpatia que sua candidatura tem despertado?

— E que eu já vivi muito, minha filha, tenho setenta anos...

— Mas viver muito não quer dizer nada em termos de eleições...

— Eu vivi muito em extensão e intensidade. Desde cedo assumi posições de responsabilidade. Com 18 anos eu era professor de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, o colégio-padrão no Brasil àquela época. Pensando, bem, acho até que foi uma levandade terem me nomeado professor-adjunto com essa idade (risos). Mas eu tinha como companheiros os mais importantes filólogos da época.

Depois eu me tornei professor universitário, na antiga Universidade do Brasil. Mas foi sobretudo na redação do Diário Carioca que eu me tornei o que sou hoje. Eu tinha função de chefe, e pude então promover uma completa reformulação na maneira de se escrever uma notícia. Introduzi a figura do copydesk no jornal (redator que faz as correções e dá o texto final de uma matéria jornalística) e revolucionei o modo de se escrever uma matéria. Fiz isso no carnaval de 1950, aproveitando o silêncio da redação. Elaborei o projeto e coloquei em prática.

— E foi nesta época que você começou a fazer política?

— Eu tinha um relacionamento muito intenso nas áreas intelectuais, afins e correlatas à minha atividade como jornalista. Fazia crítica teatral. Eu escrevi as críticas aos primeiros trabalhos de Nelson Rodrigues, considerado na década de 40 como um autor pornográfico. Esta foi a minha primeira grande briga com a polícia, em defesa dos textos maravilhosos de Nelson Rodrigues. Criei então um grande círculo de amizades. E sempre tive deles o apoio para minha atividade.

— De que forma você atuava na resistência democrática, principalmente depois de 1964?

— Bem, na verdade, minha resistência ao autoritarismo vem desde os 14 anos. Com esta idade, 14 anos, eu, oriundo de uma família oligárquica, me insurtei, com apoio de meu pai, aliás, contra as oligarquias, participando dos comícios na Revolução de 1930. Não estava de arma na mão, mas estava lá nos comícios. Eu passei então a encarnar, determinados princípios, determinadas aspirações reformistas, que passaram a fazer parte da minha vida.

Com 15 anos eu fui para o Rio de Janeiro, onde fiquei até 1961. E no começo dos anos 30, no Rio de Janeiro, comecei a haver um movimento reformista, no qual eu me empenhei. Isto tudo eu esmagado pelo Estado Novo, em 1937. No início dos anos 40, 1941/1942 quando o Estado Novo moradia o eixo Roma-Berlim, e, praticava o fascismo tupiniquim, eu comecei a escrever uma coluna no Diário Carioca, que se cha-

mava "A Guerra dia-a-dia". Através desta coluna, a pretexto de comentar os acontecimentos da guerra, eu ia dando meu recado, criticando o fascismo à moda da casa. Foi aí que o DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda, depois de suspender a coluna por alguns dias, deu o ultimatum: ou a coluna acaba ou o jornal fecha.

A coluna acabou e eu fui para os Estados Unidos, trabalhei durante dois anos, 1942 e 1943 na Columbia Broadcasting System, de onde eu falava para o Brasil, em ondas curtas.

— Houve alguma pressão para que você deixasse o País?

— Pressão propriamente, não. Mas coincidiram o fim da minha coluna e o convite para ir para os Estados Unidos. Felizmente, o namoro brasileiro com o eixo terminou em casamento com as forças democráticas mundiais e eu voltei ao País.

— Como foi depois de 1964?

— Eu vim para Brasília em 1961. Depois de 1964 as coisas ficaram muito difíceis e a gente resistia como podia. A gente burlava os mecanismos da censura...

— A gente quem...

— Nós, os que tínhamos vindo para Brasília fundar a Universidade de Brasília e que ainda estávamos aqui. Quando era possível protestar publicamente, protestávamos. Quando isso não era possível, protestávamos sem divulgação. Eu passei a acumular a presidência de vários órgãos que eram tradicionalmente dedicados à resis-



tência. A ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o Cebrade (Centro Brasil Democrático), o Sindicato dos Escritores, o Comitê de Anistia, o Comitê de Defesa da Paz... Cheguei a assumir a presidência de seis organismos simultaneamente.

Entregava muitos protestos, por escrito, nos Ministérios da Justiça, no Palácio da Alvorada. Minha filha, nesta época, dizia assim para mim: "Pai, quando você for fazer uma ficha, põe assim — Roberto Pompeu de Souza Brasil, brasileiro, casado, protestante".

— Você já era filiado ao MDB?

— Não, a filiação ao PMDB só se deu recentemente. Eu não era filiado ao partido por uma questão de tática, combinada inclusive com meu bom amigo Ulysses Guimarães. Eu falava através das entidades

que presidiam, em nome da sociedade civil, sem elva de partidário. Mas as posições eram tão coincidentes que muitos emedebistas achavam que eu era do partido. Tanto que quando o MDB se transformou no PMDB, o Franco Montoro e o Paulo Brossard me convidaram para fazer parte da executiva. Eles não sabiam que eu não era filiado.

Só vim a me filiar recentemente, quando fui procurado aqui em Brasília pelo Maerle Ferreira Lima, para ajudar na pacificação interna do PMDB brasileiro, que nem era legal ainda, apesar de constituído dentro das regras jurídicas. O PMDB brasileiro tinha mais alas que escola de samba, e eu entrei para presidir como uma maneira de compor todas as correntes.

— E a Constituição? Você também acha que ela não devia ser congressual?

— Acho que esta questão é de puro tecnicismo. Na verdade, se houvesse Constituinte exclusiva, convocada só para este fim, não acredito que os eleitos fossem outros que não esses que serão eleitos agora. Certamente não seriam eleitos anjos caídos do céu, e sim homens que representariam do mesmo modo a realidade brasileira, que é a mesma, seja no Congresso normal, seja no Congresso constituinte.

Agora, sem dúvida, se criaria uma situação anômala se se elegesse uma Constituinte sem que ela tivesse função de Congresso ordinário. Haveria uma interrupção no processo institucional do País, que teria que ser governado por decretos-lei. O Congresso eleito no Governo Dutra foi somente constituinte, e o País continuou sendo regido pela legislação de exceção do Estado Novo.

— E o que você acha da proposta de uma Comissão Representativa para exercer as funções de congresso ordinário, feita pelo Dr. Ulysses?

— Eu tenho pelo Dr. Ulysses, meu amigo, o maior apreço e admiração. Mas neste aspecto não concordo muito com ele. O Congresso pode funcionar simultaneamente como Congresso ordinário e constituinte. Se ele se aplicar profundamente nisso, não haverá problema. Poderá haver sessões constituintes pela manhã, sessões ordinárias à noite. Diabo, ninguém vai morrer de trabalhar por causa disso. O País está sendo reconstruído, é preciso trabalhar muito para isso.

O mal deste País é que ele não tem instituições. Não falo de instituições democráticas, falo de instituições mesmo, com o caráter de permanência que elas devem ter. Elas não duram uma geração, e passam a ser apenas moda. Por isso o povo brasileiro é despreparado para o exercício da cidadania. Cada vez que se cria uma instituição, uma constituição, o povo se prepara para uma nova fase. Não se chega a eleger três vezes consecutivas um Congresso. Logo vem um golpe e vai tudo pelo chão. A ruptura que isso provoca é algo muito sério. E o que

eu chamo de síndrome do coitus interruptus, a única prática anticoncepcional que na minha remota juventude existia para se evitar a concepção. Leva no máximo a um orgasmo infecundo.

As instituições no Brasil, a instituição medular que é a Constituição, foi, na sua totalidade, construída sobre modelos alienígenas, não adaptáveis à realidade brasileira. Tornaram-se aquilo que Hitler dizia dos tratados internacionais — farrapos de papel que podiam ser rasgados a qualquer momento, conforme o humor de quem os tinha em mãos. A Constituição aqui não chega a se institucionalizar. As instituições do Brasil são feitas de faz-de-conta, eu digo sempre. E o Alceu Amoroso Lima costumava me emendar: "começam no faz-de-conta e terminam no tanto faz". E com isso que precisamos acabar no País. Com a transitoriedade da democracia.

F. GUALBERTO



mal deste País é que ele não tem instituições permanentes. Elas sofrem de coitus interruptus, único meio de anticoncepção da minha juventude. E preciso criar o caráter de permanência. (...) O povo é despreparado para exercer a cidadania".

Toda dedicação para campanha

O dia começa cedo para Pompeu de Souza, candidato ao Senado pelo PMDB. Aos 70 anos, dos quais ele diz "dividir", dorme pouco. Já antes da meia-noite e à 1 da manhã já está de pé, pronto para cumprir uma agenda cansativa, cujo último compromisso está sempre colado para depois das 22h. Aos compromissos agendas, juntam-se outros no correr do dia que ele cumpre, com aparência de quem está descansado, como se tivesse acabado de tirar a sesta.

A tática do corpo-a-corpo, para a conquista dos votos dos indecisos, se intensifica com a proximidade das eleições. E, para ter mais votos, vale tudo, até pregação no púlpito de uma igreja, como aconteceu na última terça-feira. "Nunca tinha percebido que tenho vocação para falar aos fiéis". Mas o padre convidou, ele aceitou e a pregação aconteceu.

Num desses dias, o Hospital de Base foi o local escolhido para o corpo-a-corpo. Acompanhado do candidato à Câmara Sigmaringa Seixas, Pompeu de Souza, pelas mãos do médico Gustavo Ribeiro, atual diretor da Fundação do Serviço Social, dedicou toda a manhã à garimpagem de votos pelos corredores do HBB. Na "operação pente fino" em busca de eleitores, não escapou ninguém: médicos, enfermeiros, pessoal administrativo e da limpeza, todos foram cumprimentados pelos candidatos.

O método Pompeu de Souza de abordagem do eleitor é no mínimo, espalhafatoso. Braços abertos, risos nos lábios, tagarelateiro, ele faz questão de abraçar efusivamente os homens, com direito a tapinhas nas costas. As mulheres, sem exceção, são beijadas nas duas faces pelo candidato. Para as crianças, que não votam, ele tem sempre uma atenção especial. Para, con-

versa, pergunta o nome. E, habilitado, vale-se de seu ar de bom velhinho, que ajuda na receptividade.

Logo na chegada, ao sair do Fiat vermelho que lhe serve nas andanças, Pompeu é abordado pelo jornalista "Dr. Pompeu, meu voto é seu". Abraços, agradecimentos e sorrisos são a retribuição do candidato, invariavelmente acompanhados do bordão eleitoral: "Conto com você, conto com você".

Alguns abraços e muitos beijos depois, Pompeu de Souza entra na sala do diretor do HBB, Márcio Palis Horta. O assunto inicial como não poderia deixar de ser, é o fechamento do Pronto-Socorro, as reformas do prédio e as consequências da paralisação da emergência para a comunidade. Gustavo Ribeiro vai acompanhá-lo pelos corredores do hospital. A conversa muda.

Nos corredores, Pompeu e Sigmaringa se apresentam aos eleitores: "Este moço é meu candidato à Câmara", diz Pompeu a respeito de Sigmaringa. "E este jovem é meu candidato ao Senado", devolve, em tom de blague, Sigmaringa. Mais efusivo que o companheiro de partido, Pompeu de Souza cativa mais. Seu cabelo branco, a expressão de eterno bom humor, a gestulação intensa, contribuem para fluência da conversa.

No meio do caminho, Pompeu para para cumprimentar quatro propagandistas de produtos farmacêuticos. "Eu estava mesmo querendo falar com um candidato" — diz um deles, falando a Pompeu. "Olha" — continua — "nós queremos ter direito à aposentadoria, o projeto não passou na Câmara, e nós temos este direito". O rapaz ficou com a promessa de um encontro para tratar do assunto, os telefones dos candidatos anotados cuidadosamente na cópia do pro-

jeto de lei arquivado.

Há sempre os velhos conhecidos. Um deles, morador da Candangolândia, pede ao ex-secretário de Educação que acabe com as escolas de lata no Distrito Federal. "Aquilo é uma vergonha", concorda Pompeu, mas lembra que esta não será a atribuição do parlamentar constituinte. Em outro corredor, onde se processa a coleta de material para exames, os candidatos entram nos laboratórios, entre centrifugas, pipetas e placas para exame de sangue, os funcionários cumprimentam os candidatos. Pompeu pode se considerar mesmo bem cotado: pelo menos um voto em cada sala é declarado a seu favor. Sigmaringa, menos reconhecido, é chamado, do lado de fora de um guichê: "Sou sua eleitora e estou trabalhando em favor do seu nome".

Numa das salas de exame, um paciente está sendo submetido a uma pequena cirurgia, para retirada de material para biópsia. Pompeu estanca. Apesar de perceber o que está acontecendo ele previu a pergunta ao médico: "Incomodo se entrar?". Convidado, pede o voto do cirurgião do paciente, apenas parcialmente anestesiado. Sigmaringa confessa: "Aí eu não entro nem posso votar".

Pausa para o café. A pequena comitiva composta pelos dois candidatos, o médico Gustavo Ribeiro, duas pessoas da equipe de Sigmaringa que distribuem "santinhos", além da repórter, vão para a sala da diretoria, beber um copo d'água, um café. E recuperar o fôlego. Todos parecem cansados, o hospital é grande e foi quase totalmente visitado. Pompeu, aos setenta anos, parece não sentir o efeito das duas horas de caminhada, cumprimentos e conversas.

A conversa na hora do "lanche" gira em torno

das chances dos diversos candidatos e da situação eleitoral nos diversos Estados do País. Assunto obrigatório é Leonel Brizola, a quem Pompeu admite admirar enquanto político, criticando-o, no entanto, por seu caráter "caudillesco".

De volta ao corpo-a-corpo, é a vez de visitar a lavanderia. Sigmaringa não vai, tem outro compromisso. Pompeu entra na lavanderia do HBB, um enorme galpão onde são lavadas diariamente seis toneladas de roupa. É imediatamente reconhecido. "É o Pompeu de verdade", admira-se uma das funcionárias. Abraços e beijos se repetem. Uma das funcionárias chega perto e pergunta: "A queima-roupa: o que o senhor vai fazer pela gente? Nós somos das mais precisadas em Brasília". O candidato não se aperta, e não recorre à mera prática de prometer emprego ou moradia. Responde simplesmente: "Eu tenho setenta anos, e desde os quinze luto pela liberdade, contra a injustiça e o autoritarismo. Só posso prometer continuar a luta".

A resposta parece ter contentado a eleitora. Pompeu sai, vai ao encontro dos motoristas da FHDF. Visita rápida. Ali está um dos redutos do PFL dentro do hospital. Mas Pompeu não se aperta. Cumprimenta a todos, abraça-os e hora do almoço. Sem demonstrar cansaço, o candidato segue para casa. Depois do almoço, dará alguns telefonemas, para em seguida retornar ao corpo-a-corpo. Antes, porém, irá ao Palácio do Planalto para o lançamento da Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Conciente de que o dia ainda lhe reserva com eleitores em Planaltina, Brasília. Será assim até o dia 15 de novembro. E ele não reclama: "Faz parte da minha vida".

BOTE FÉ NESTE HOMEM

EDISIO Senador PFL

Deputado

GERALDO VASCONCELOS PDT 1222